

---

DANÇA  
14, 15 MARÇO '08  
SOLO A CIEGAS  
(CON LÁGRIMAS  
AZULES)

---

*Em memória do meu avô Antón “el argentino”*

De Olga Mesa

***Culturgest***

Grupo Caixa Geral de Depósitos

SEXTA 14 E SÁBADO 15 MARÇO 2008 · PALCO DO GRANDE AUDITÓRIO · 21h30  
DURAÇÃO 1h15 · M/12

Conceito, interpretação e LaboFilm Olga Mesa  
Captação, montagem e espaço sonoro Jonathan Merlin  
Captação e edição vídeo Matthieu Holler  
Música excertos de *Madame Butterfly* de Puccini, *Fields* de Jason Kahn, *La Cumparita* interpretada por Julio Sosa, *La Ballada para un loco* de Astor Piazzolla interpretada por Saeki  
Desenho de luz Isabelle Fuchs e Olga Mesa  
Textos Olga Mesa, *Branca de Neve* de Robert Walser dito por Sara Vaz  
Professor de tango Manuel Sanchez Carabel "el camaleón"  
Direcção técnica Christophe Lefèbvre  
Produção Isabelle Fuchs  
Produção Cie Olga Mesa/Association Hors Champ – Fuera de Campo, com o apoio DRAC Alsace – Ministère de la Culture et de la Communication; Ville de Strasbourg (França)  
Co-produção Culturgest, Lisboa; CCN de Tours (F); O Espaço do Tempo, Montemor-o-Novo; École Municipale de Danse de Strasbourg (F)  
Apoios Instituto Cervantes de Lisboa e Institut Franco-Portugais em Lisboa/Embaixada de França em Portugal

Para a criação de *Solo a ciegas (con lágrimas azules)*, a Companhia Olga Mesa/Association Hors Champ – Fuera de Campo beneficiou de duas residências na École Municipale de Danse de Strasbourg, de uma residência no Centre Chorégraphique National de Tours e de uma residência de criação n' O Espaço do Tempo, em Montemor-o-Novo.

Agradecimentos Equipa da Culturgest, Yannick-Kergreis-Chabaud, Richard Caquelin, Sandrine Fuchs, Jean-Xavier Coudry, Yvan Etienne, Bénédicte Zanon, Bernardo Montet e equipa do CCN de Tours, Rui Horta e equipa de O Espaço do Tempo, Béatrice Josse e equipa da FRAC Lorraine, Jean Gabriel Pierrot





## Um novo solo, um novo olhar

Olga Mesa submerge-nos num universo de evocações, de presenças limítrofes e de memórias.

Olga Mesa, que normalmente faz desaparecer a quarta parede no seu diálogo com o público, convida-nos a entrar num novo espaço de escuta e percepção do corpo.

Movimentos intuitivos, imagens periféricas ou escondidas, sons imperceptíveis, inesperados, não identificáveis. Dramaturgia que parte de uma forma de escrita automática, da deslocação de territórios por meio de diferentes materiais visuais e sonoros: zonas narrativas em construção, casuais, móveis, autónomas. Os elementos constituintes da criação, câmara no palco, palavras reflexivas e nuas, as interrogações que o corpo formula através do próprio olhar..., estão presentes nesta obra para levar a cabo uma outra experiência mais intuitiva, mais próxima dos sentidos, mais imediata. Apenas algumas palavras, extraíndo do corpo sons como suspiros, evocações em que se entevêem expiações, apelos, ritos... Linguagem poliglota de enunciados fragmentados e dispersos. O texto aparece em voz *off*, criando espaços temporais paralelos à presença do corpo e da sua fantasia, e as possíveis memórias (não) visíveis que difunde. O corpo é colocado sob o prisma da evocação de movimentos já vividos, esquecidos, inesperadamente

recordados. Decifra as inscrições de um passado sepultado, inventado, sonhado ou desejado. O que significa a presença deste corpo maduro, que escuta e se abandona aos seus desejos mais aleatórios e intimamente explosivos? O ser sob a influência das suas ligações genealógicas, com a história desse avô e do seu exílio temporário na Argentina antes da guerra civil espanhola. O público é o par invisível de um tango reinventado, e Pasolini, Verlaine, Walser, João César Monteiro, são secretos companheiros de viagem.

Um olhar de escuta, introspectivo, periférico, despido de projecção intencional.

A estranheza e o mistério de memórias ancestrais que se manifestam num movimento, num grito, numa palavra, num animal totem ou num poema. Uma luz/imagem indirecta, refractada, entre a potência máxima e a obscuridade, entre a exposição e o resguardo.

Olga Mesa propõe, com *Solo a ciegas (con lágrimas azules)* um objecto inesperado. O seu corpo transforma-se em instrumento de transmissão, emissão e revelação, um catalisador de histórias pessoais e colectivas.

## Olga Mesa



Fotografia de Isabelle Fuchs

Coreógrafa e artista visual espanhola, estudou dança, música e teatro em Espanha e França (Rosella Hightower/Cannes).

O segundo prémio no Concurso Coreográfico de Madrid deu-lhe acesso a uma bolsa de estudo de um ano no Merce Cunningham Studio, em Nova Iorque.

Entre 1984 e 1988 foi membro fundador da companhia Bocanada Danza, dirigida por Blanca Calvo e La Ribot, e entre 1996 e 1999 participou activamente no desenvolvimento da dança experimental e contemporânea em Madrid como membro da associação “La Inesperada”. Foi também a força motriz de vários projectos (colaborações com publicações de arte contemporânea, *performances* e improvisações com outros *performers* e artistas visuais em projectos não convencionais) destinados a promover maior cumplicidade entre diferentes campos de expressão artística.

Em 1992 fundou a sua própria companhia em Madrid. Desde então criou doze peças coreográficas, frequentemente

reunidas em grupos temáticos como a trilogia *Res, non verba/Cosas, no palabras* (1996-1999) ou o projecto *Más público, más privado*, iniciado em 2001.

Olga Mesa tem desenvolvido quase sempre o seu trabalho durante residências artísticas e em co-produção com numerosos festivais e instituições europeias e internacionais.

Paralelamente, desenvolve trabalho como vídeo-artista, com obras como *Lugares Intermedios* e *Europas*. Com esta última obteve em 1995 o primeiro prémio do Festival de Vídeo de Tondela, em Portugal. 1996 marca o início da sua colaboração com o artista visual catalão Daniel Miracle com o solo *estO No eS Mi Cuerpo* (parte de *Res, non verba*). A apresentação desta peça em 2001 no Théâtre de la Ville, em Paris, foi um passo fundamental na carreira de Olga Mesa, já que marcou o início das suas criações e extensivas digressões na França e na Europa.

Em 2005, Olga Mesa fundou a associação “Hors Champ/Fuera de Campo” em França.

Até Outubro de 2006 foi artista em residência no Théâtre Pôle Sud, em Estrasburgo, França.

No Outono de 2007 foi convidada como coreógrafa em residência a realizar um trabalho de comissariado e intervenção com as obras da colecção de arte contemporânea no Frac de Metz, em França.

Paralelamente às suas criações cénicas, dirige estágios e laboratórios de criação usando o corpo como suporte narrativo de experimentação e desenvolvendo uma prática multidisciplinar de pensamento e reflexão.

## Sobre Olga Mesa:

*O processo é poesia, Irène Filiberti*  
– Programa trimestral do Théâtre de la Ville, Paris – Dez 04 – Fev 05

À guisa de prefácio, um pequeno conselho amigável. Ver um trabalho de Olga Mesa, peça ou *performance*, não é o mesmo que “ir ao teatro” ver um espectáculo, no sentido convencional. É difícil dar um nome às criações de Olga Mesa, porque não são produtos acabados. Ou pelo menos completamente acabados. Não ainda. Confrontados com uma produção de Olga Mesa – com os seus cenários pacientemente construídos, modificados para se adaptarem ao lugar e circunstâncias onde quer que a coreógrafa espanhola apresente o seu trabalho – o melhor é dizermos a nós próprios que viemos para escutar, observar, talvez para olharmos os outros espectadores à nossa volta, para contribuir, para permutar. Isto porque, neste espaço infinitamente aberto, objectos, palavras e corpos só são perceptíveis se vistos no seu estado original – numa página em branco, num espaço vazio. E depois, com o passar do tempo, tudo começa a tomar forma, ainda que fugidamente e sem nos darmos conta do que está a acontecer. Uma tremura, uma hesitação, uma emergência, um material, uma imagem, uma frase. De repente estamos perante a coisa. Exactamente no ponto em que está a acontecer, no preciso momento em que está a meio do processo de se tornar nessa coisa. Olga Mesa tem o talento singular de dar um rosto concreto a estes momentos e espaços

intermédios. Clarões, pontos de transição e expectativa, de experiência partilhada ou de revelação. É quase como se espectador e *performer* estivessem a repetir o mesmo movimento ao longo da mesma sequência que os une numa causa comum. E é sem dúvida uma história de amor, de amor como se sente pela primeira vez. Olga Mesa coreografa com uma agudeza de instinto, sentimento, emoção e pensamento que floresce instantaneamente em imagens cheias de vida. Tem uma maneira fluente de frasear as coisas, deslizando entre palavras e corpos, e questiona o nosso olhar ao mesmo tempo que fala ao mais profundo da nossa natureza.

*Fragmentos de La danza empieza por la mirada/A dança começa no olhar, conversa entre José A. Sanchez e Olga Mesa em “Cuerpo sobre blanco” – Outubro de 2000*

[...] O olhar do público é tudo e nada ao mesmo tempo. Há nisto um jogo de atracção entre o que é verdadeiro e o que é falso. É como quando estamos muito perto de uma coisa em que não podemos tocar. Estabelece-se uma relação muito misteriosa, porque nós não sabemos qual o mecanismo que está a funcionar. Eu vejo o público como uma série de indivíduos. O olhar tem sempre que ter um foco: trata-se de individualizar o espectador. O olhar do público espelha o meu olhar, é uma relação de espelho: é como se através do olhar do espectador eu pudesse ver o meu próprio olhar. O meu olhar não acaba em mim, começa no outro. É como se o meu corpo



estivesse aqui mas os meus olhos estivessem contigo: eu não sei se te pertenco ou se tu me pertences, ou quem pertence a quem. É como se o olhar fosse o que faz desaparecer o espaço vazio entre os corpos. [...] Como entender o olhar a partir do corpo? Ultimamente tenho estado a trabalhar bastante sobre a observação, começando com posturas estáticas. Primeiro, para transformar a observação em movimento/pensamento do corpo. E para fazer do olhar um elemento gerador de espaços. Trata-se de nos observarmos a nós próprios através do que nos rodeia: não é uma observação meditativa mas a observação da nossa própria exterioridade.

---

## Jonathan Merlin

---

Jonathan Merlin descobriu o mundo do som em 2002, através da realização de filmes documentários. Seguiram-se vários anos em que se concentrou na gravação de som para diferentes tipos de filmes e documentários. Em 2005 regressa à escola para se familiarizar com os instrumentos da montagem e edição sonora. Desde então, criou as bandas sonoras de exposições, espectáculos, vídeos e filmes como, entre outros, *Ce que nous savons*, de Chloé Maillot & Louise Hervé, apresentado no Festival Nêmo/Forum des images Paris, e *la Pomme de Newton* de Vincent Vizios, apresentado no Festival de Cannes/Semana Internacional da Crítica e no Festival de Clermont-Ferrand. Realizou também trabalho de gravação e edição para Jean Lucien Canibal, em Bruxelas. Desde Janeiro de 2008 trabalha com Olga Mesa no projecto *Solo a ciegas (con lágrimas azules)*.

---

## Matthieu Holler

---

Matthieu Holler é realizador e videasta. Formou-se no Departamento de artes Performativas da Universidade de Metz, onde é professor de realização e imagem cinematográfica. Historiador de cinema, especializou-se na pesquisa sobre o documentário e o filme institucional. Paralelamente realiza e trabalha sobre vários filmes documentários para a

televisão e para diversas empresas e instituições. O seu trabalho centra-se numa pesquisa sobre o cinema como arquivo, a relação entre o operador de câmara e o objecto fílmico e o funcionamento da narrativa. Colaborou com Olga Mesa, em 2007, no projecto *Labofilm* e, desde então, no seu novo solo.

---

## Isabelle Fuchs

---

A história de Isabelle Fuchs, natural de Estrasburgo, desenrola-se em vários continentes. A dança ocupa um lugar constante em que ela se compraz a cultivar uma polivalência apaixonada. Tendo concluído uma formação clássica no Conservatório Nacional da Região de Estrasburgo, pertenceu ao Ballet du Rhin antes de partir para Nova Iorque para alargar os seus horizontes coreográficos (Merce Cunningham, Alwin Nikolais, Contacto-Improvisação, Técnica Release). Cria com Frey Faust o colectivo de dança Vital Signs, que foi o embrião da Fafu Dance Co, companhia associada de Die Werkstatt (Tanzaus NRW), Düsseldorf, de 1990 a 1993. Cria então as suas primeiras peças (*Vélo Story, Etats d'Amour, Aquarelle*). De regresso à Alsácia inicia uma nova vida na La Fillature, cena nacional de Mulhouse, onde acompanha e participa activamente na programação de dança e coordena grandes projectos (Bals de Feu, Diktat sur Gabuzomeuland, mobile regio dance festival) entre 1993 e 2002/2004. Paralelamente, obtém o Diploma de Estado de professora de



dança, ensina na Escola Nacional de Música de Mulhouse, improvisa com músicos amigos, remonta *Etats d'Amour* para o Ballet de l'Opéra National du Rhin, participa nas comissões de peritos da DRAC, entre outras actividades, e torna-se mãe de Max Faust-Fuchs em 1995. Com Helena Frohlich cria e dança o dueto *Art E motion*, em 2002, e o projecto *WaterWay*, em 2004, apresentados no âmbito do verão cultural em Estrasburgo. Desde 1998, é directora de produção da Companhia Felix Ruckert (Berlim) e desde 2006 da companhia Olga Mesa, encarregando-se do planeamento das suas actividades presentes e futuras ([www.felixruckert.de](http://www.felixruckert.de)) ([www.olgamesa.blogspot.com](http://www.olgamesa.blogspot.com)). Ao mesmo tempo que trata da visibilidade internacional do trabalho destes dois artistas, concebe também a sua iluminação em cena.

## Christophe Lefèbvre

Christophe Lefèbvre iniciou a sua carreira profissional em 1993 como músico e, em 2001, optou pelas questões técnicas da cena. Em 2002 descobriu a dança no teatro Pôle Sud, em Estrasburgo, e em 2003 conheceu Olga Mesa durante o Festival Nouvelles Strasbourg Danse. Depois de uma pequena incursão de um ano no mundo do circo, com a companhia Sipeucirque, reencontra Olga Mesa e encarrega-se da direcção técnica de *La danse et son double*, em 2006, e de *Solo a ciegas (con lágrimas azules)*, em 2008.

PRÓXIMO ESPECTÁCULO  
MÚSICA DOM 16 MARÇO

## Quarteto Remix

Concerto comentado por Rui Pereira

GRANDE AUDITÓRIO · 11h00 · DUR. 1h00 · M/6

### Quarteto Remix

Violinos Angel Gimeno e José Pereira  
Viola Trevor McTait Violoncelo Oliver Parr

### Programa:

#### Cláudio Carneiro

Quarteto de Arcos em Ré menor (1947)

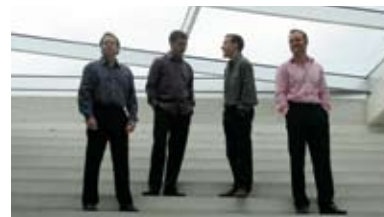
- 1 *Austeramente*
- 2 *Andante assai moderato*
- 3 *Rondo alla Lusa*

#### Benjamin Britten

Quarteto de Cordas n.º 2, em Dó maior, op.36 (1945)

- 1 *Allegro calmo senza rigore*
- 2 *Vivace*
- 3 *Chacony*

Cláudio Carneiro nasceu no Porto, em 1895. Estudou composição com Théodore Dubois e Paul Dukas em Paris. Desde as primeiras obras que compôs, revelou uma especial aptidão para a escrita para cordas. O *Quarteto de Arcos em Ré menor* foi escrito em 1947. Dividido em três andamentos, tem nos dois primeiros um retrato da ambiência característica das obras de Cláudio Carneiro, uma certa melancolia que aqui é acentuada por um cromatismo



e pendor modal que lembram obras congêneres de Chostakovitch.

Benjamin Britten nasceu em Lowestoft, em 1913. De entre os três quartetos para cordas que compôs, o segundo é considerado o mais notável. Resultou numa homenagem a Purcell no 250º aniversário da sua morte. O primeiro andamento está estruturado numa tradicional forma-sonata mas na qual a exposição tem grandes dimensões, criando a ilusão do desenvolvimento ser diminuto. O *Vivace* é um andamento de efeitos sonoros espectaculares marcados por uma diferenciação dinâmica extraordinária. A *Chaconne* final resulta na homenagem a Purcell. O seu tema é anunciado em unísono por todos os instrumentos, ao qual se somam uma série de 21 variações.

O Quarteto Remix é formado por solistas do agrupamento de música contemporânea Remix Ensemble e dá o seu primeiro concerto em Fevereiro de 2008, tendo como objectivo principal a divulgação do repertório para quarteto de cordas escrito desde o início do século XX até à actualidade. Esta é a sua estreia em Lisboa.

# CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55

WWW.CULTURGEST.PT

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego

1000-300 Lisboa

## CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Manuel José Vaz

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

VOGAL

Luís dos Santos Ferro

## ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

Carmo Rolo ESTAGIÁRIA

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Judite Jóia

## EXPOSIÇÕES

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Mário Valente Almeida

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

## COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Marta Fernandes ESTAGIÁRIA

Sara Nogueira ESTAGIÁRIA

## PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

## ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS  
E FINANCIEROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA

José Manuel Rodrigues

## AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Coelho

FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Paula Pires Tavares

RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

COLECÇÃO DE ARTE

DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Maria Jesús Ávila

Valter Manhoso

Maria del Sol Aragão ESTAGIÁRIA

grupo



Caixa Geral  
de Depósitos